

O DILEMA CAUCASIANO | POR RÜDIGER RAULS

Posted on 10. November 2020

Um ponto de vista de Rüdiger Rauls.

Até agora, o valor ocidental no conflito sobre Nagorno-Karabakh não tomou uma posição clara para nenhum dos dois adversários. Os interesses próprios e a alegada orientação para o valor tornam a decisão difícil.

Antecedentes

"Um cessar-fogo mediado por Moscovo" (1) pôs fim à guerra entre a Arménia e o Azerbaijão sobre a região de Nagorno-Karabakh em 1994. No final desta guerra, o "lado arménio controlava Karabakh e sete distritos vizinhos do Azerbaijão (...), dos quais a população azerbaijanesa foi expulsa" (2).

Desde então, quase 20 por cento do território internacionalmente reconhecido do Azerbaijão tem estado sob controlo arménio, em violação do direito internacional. Estes territórios ilegalmente ocupados tinham declarado a si próprios a República independente de Karabakh sob a sua própria autoridade, embora isto não seja sequer reconhecido pela Arménia.

Em 2007, a Rússia, os EUA e a França, como mediadores no conflito de Karabakh, tinham redigido como base o regulamento "que o estatuto final de Nagorny Karabakh deveria ser determinado por um referendo no qual todos os grupos populacionais que aí tinham vivido antes do início do conflito deveriam participar"(3).

Em Janeiro de 2019, os ministros dos Negócios Estrangeiros da Arménia e do Azerbaijão viram a necessidade de "tomar medidas concretas para preparar as populações para a paz"(4). Esta foi provavelmente uma reacção à mudança no equilíbrio de poder na região. Pelos seus rendimentos provenientes dos fornecimentos de petróleo e gás tinham permitido ao Azerbaijão rearmar o seu próprio exército e aumentar a pressão sobre a Arménia.

Além disso, os azeris foram apoiados pelos turcos, que se sentem religiosa e etnicamente ligados a eles como muçulmanos e como um povo túrquico. Já em 2009, a Turquia tinha fundado o "Conselho Turco" como uma associação dos povos turcos da Ásia Central, que apoia "a luta legítima do povo do Azerbaijão

pela libertação dos seus territórios ocupados"(5).

Provavelmente em reacção a este desenvolvimento, Arajik Harutjunjan, presidente de facto da República de Karabakh, que não é reconhecido pelo direito internacional, anunciou a 27.9.2020, ou seja, uma semana antes do início das hostilidades, "que o parlamento de Karabakh deveria ser transferido para Shusha"(6).

O lado azerbaijanês só pôde entender esta decisão como uma provocação, uma vez que o território disputado, especialmente a cidade de Shusha, é de particular importância histórica e cultural não só para os arménios mas também para os azeris em geral. Embora tenha havido confrontos militares limitados entre os dois Estados nos últimos anos, tem havido agora um conflito militar mais extenso, que ainda continua. Mesmo os cessar-fogos mediados pela Rússia não parecem ter sido de longa duração.

Alteração das condições

Durante quase trinta anos, nenhum progresso significativo no conflito de Karabakh tinha sido alcançado nas negociações do Grupo de Minsk com a participação da Rússia, América e França. Agora o vento mudou no Cáucaso. "O Azerbaijão está cansado de negociações"(7), declarou o chefe de governo azeri Aliyev.

Presumivelmente, o Azerbaijão vê-se agora em posição de decidir finalmente este conflito, que há anos que se arrasta, a seu favor, por meios militares, depois de o caminho das negociações não ter conseguido pôr fim à ocupação ilegal do território azeri. A posição do Azerbaijão nas negociações é: "Se quiserem um cessar-fogo, forcem os arménios a abandonar os territórios ocupados"(8).

Tendo em conta a sua própria força, parece ter interesse num cessar-fogo apenas se os seus próprios objectivos forem alcançados. Assim, o Azerbaijão declarou que iria continuar a campanha enquanto a Arménia não apresentasse um calendário para a retirada das suas tropas dos territórios ocupados. O Azerbaijão considera-se no direito à luz do direito internacional, porque "o Azerbaijão está a lutar no seu próprio território"(9).

Entre as cadeiras

Devido à sua nova força militar e também de acordo com o princípio de soberania territorial consagrado no

direito internacional, o Azerbaijão tem as melhores cartas neste póquer. A ocupação ilegal do território do Azerbaijão não só enfraquece a legitimidade da acção arménia, como a sua posição isolada também torna a sua situação difícil.

O Ocidente dos valores ainda não decidiu, aparentemente, que lado tomar. Porque uma coisa é clara: devido à Arménia, nem a UE, nem a OTAN, nem os valores do Ocidente como um todo devem ser arrastados para um conflito ou mesmo uma guerra com a Rússia, ou talvez até querer entrar em confrontos adicionais com a difícil Turquia, parceira da OTAN.

Se fosse apenas por considerações económicas, a questão seria simples. O Ocidente não tem muito a esperar da Arménia. Para ele, o petróleo e o gás do Azerbaijão são mais importantes, especialmente porque também passam pela rede russa de oleodutos para a Europa. Isso enfraquece a posição de monopólio dos fornecedores russos, o que tem sido do interesse do Ocidente durante anos.

Mas é menos sobre negócios e mais sobre política, ou seja, sobre mudar o equilíbrio de poder. E é aí que se torna difícil para o valor do Ocidente. A "revolução de veludo" de 2018 trouxe ao poder na Arménia forças que estão mais fortemente orientadas para o Ocidente. Provavelmente não vão querer ficar sozinhos neste caminho de desapego à influência russa apenas por causa das vantagens económicas que o partidarismo traria ao Azerbaijão.

No entanto, certamente, as considerações devem também desempenhar um papel para assegurar que a influência da Turquia, parceiro não amado da OTAN na região, não seja ainda mais reforçada pelo partidarismo ocidental em relação ao Azerbaijão. Em qualquer caso, a sua incursão no Médio Oriente e a sua interferência em conflitos regionais em detrimento do Ocidente e da OTAN é encarada com crescente mal-estar.

Os fazedores de opinião criaram uma explicação cativante, embora superficial e sem sentido, para isto com o termo neo-OTomanismo. A Turquia não está interessada na ressurreição do Império Otomano. Esta é uma interpretação ocidental estúpida dos desenvolvimentos sociais e económicos que os criadores de tais termos não parecem compreender.

A Turquia está principalmente interessada em abrir novos mercados, uma vez que o mercado da UE ainda está fechado a eles. Os principais estados capitalistas à escala mundial não estão a fazer outra coisa senão isto por outros meios(10).

A agonia dos valores

Mais importante, porém, do que estas considerações táticas numa situação em que as próprias possibilidades de acção do Ocidente são de qualquer forma limitadas, são provavelmente as contradições em que poderia ficar enredado no caso do conflito do Cáucaso. Ele, que gosta de se ver a si próprio como uma comunidade de valores cujas acções devem ser determinadas por princípios e não por interesses, é confrontado com a quadratura do círculo na questão do Cáucaso.

Pois aqui dois dos seus princípios políticos colidem, que normalmente gosta de utilizar para fazer prevalecer os seus próprios interesses, mas que não devem ser reconhecíveis como tal. Pois externamente as suas acções preocupavam-se sempre apenas com ideais e valores. Mas no presente conflito "os princípios conflituosos da autodeterminação e da integridade territorial tiveram de ser reconciliados entre si"(11). Os arménios insistem "na autodeterminação de Nagorny Karabakh, os azerbaijaneses na integridade territorial"(12).

Aqui torna-se difícil para os missionários de valor no Ocidente. Em conflitos anteriores, sempre se esteve na posição confortável de poder escolher um destes dois valores e usá-lo para afirmar os próprios interesses sem que a hipocrisia fosse óbvia. Se no conflito do Kosovo se assobiasse a integridade territorial da Sérvia e se declarasse o elevado direito de autodeterminação dos kosovares como motivo das suas próprias acções altruístas, no caso dos catalães não se entenderia isso. No seu próprio domínio, este alto valor do direito de autodeterminação não vale nada. A integridade territorial tem aí precedência.

Nem à população da Crimeia foi concedido o que tinha sido aplicado no Kosovo. Neste caso, o referendo, que teve lugar em condições semelhantes às do Kosovo, foi considerado uma violação da integridade territorial da Ucrânia. Os altos sacerdotes moralistas dos ideais não se preocuparam com o direito de autodeterminação do povo da Crimeia, porque não se enquadrava nos interesses do valor do Ocidente. Pois

aqui estavam a aproveitar-se da Rússia pouco amada, que teriam estado tão ansiosos por beliscar se pudessem ter-se livrado do porto de água quente do Mar Negro.

No Cáucaso, no entanto, encontram-se agora na desagradável posição de já não poderem escolher entre os dois princípios à vontade e em seu próprio benefício. Aqui, é preciso mostrar as cores. É importante manter os valores que de outra forma são proclamados em voz alta ao mundo e segundo os quais se decide quem deve ser levado ao desastre por sanções e quem deve ser envolvido em boas acções.

A situação é trágica. Porque não importa como nos comportamos, pecamos contra os nossos próprios valores. Se o Ocidente de valores apoia a Arménia, que ocupa ilegalmente território azerbaijanês, então está a violar o grande bem da integridade territorial. Mas se está atrás do Azerbaijão, trai o ideal do direito dos arménios à autodeterminação. O que quer que ele faça, o Ocidente dos valores expõe-se como alguém que não adere aos valores que prescreve a todo o mundo como padrão e ideal de acção política responsável.

Rússia Prudente

Além disso, infelizmente também não há nenhum vilão que os líderes de opinião ocidentais possam responsabilizar pelas suas próprias acções, se também eles obviamente contradizem os seus próprios valores. Nesses casos, é um padrão comum na política ocidental culpar os outros por não aderirem aos seus próprios valores. Se o Ocidente dos valores trai os seus próprios ideais e valores, então a culpa é da política dos seus adversários. Forçam-na através de acções desleais a ser incapaz de aderir às suas próprias regras e ideais.

No conflito do Cáucaso, Putin, como o adversário mais importante do Ocidente, não pode ser persuadido a tomar partido por uma das duas partes em conflito. Isto facilitaria o Ocidente a tomar partido pelo outro dos dois lados. Então seria possível apresentar-se ao mundo inteiro como vítima da política de Putin, que inevitavelmente teria de tomar o outro lado, quase como um contrapeso para o mau da fita. Com um coração pesado, teríamos de sacrificar um dos nossos próprios princípios a fim de defender o outro contra o agressor russo. Mas isso não seria então uma decisão própria, mas uma decisão imposta do exterior.

Mas Putin não está a fazer-lhes o favor. É mais fácil para os meios de comunicação ocidentais retratar a Turquia como um desordeiro, que pelas razões acima descritas tomou uma posição clara para o Azerbaijão. Isto é mais fácil para os turcos, porque eles não se vêem a si próprios como missionários de valores. Representam os seus interesses e não fazem segredo do mesmo.

Com a Rússia não é diferente. O seu interesse é ter paz no seu flanco sul, de modo a não permitir que os seus opositores no Ocidente ganhem influência lá e mais tarde se estabeleçam como NATO, como foi tentado sem sucesso na Ucrânia em 2014 e na Geórgia em 2008. Graças à política sábia e orientada para a realidade da Rússia, estas duas expedições do valor do Ocidente revelaram-se um desastre e enfraqueceram bastante o Ocidente.

Apoio aos meios de comunicação social

Esta indecisão no poker caucasiano, especialmente no que diz respeito à atitude da Rússia, reflecte-se nos relatórios ocidentais. Enquanto a Rússia não decidir por um dos dois lados, a imprensa ocidental não parece ser capaz ou disposta a oferecer aos seus consumidores uma imagem claramente inimiga.

O Frankfurter Allgemeine Zeitung, por exemplo, tenta repetidamente, nos seus relatórios e comentários, dar a impressão de que a Rússia deve escolher um dos dois lados. Embora seja pouco provável que tenha qualquer influência sobre as acções da Rússia, o Kremlin irá certamente estudar de perto a imprensa internacional. O mesmo se aplica às outras partes em conflito, tais como a Turquia, o Azerbaijão e a Arménia.

No entanto, a influência da FAZ vai longe, como demonstram os intensos contactos com figuras da oposição na crise de Hong Kong de 2019 e também os conflitos actuais na Bielorrússia. Tem uma extensa rede de correspondentes e contactos em muitas regiões do mundo, especialmente com as forças que partilham e apoiam os seus interesses e pontos de vista políticos.

Fornece informações, argumentos e pontos de vista que são utilizados na avaliação das situações. Não que os decisores neste país e noutros lugares sejam guiados por ele nas suas decisões, mas as opiniões do jornal

são levadas a sério. Forma opiniões fazendo o pensamento político que a maioria dos partidos políticos deste país já não são intelectualmente e ideologicamente capazes de fazer. Pode, portanto, ser considerado como o órgão central da classe dominante na Alemanha.

Um dos seus interesses essenciais é a luta contra a crescente influência e prestígio da China e da Rússia. Uma vez que tem pouca influência no pensamento das pessoas e dos líderes na Rússia e na China, a sua influência dirige-se principalmente aos consumidores dos meios de comunicação social deste país. Estes devem ser mantidos no pólo democrático de valor-ocidental. Esta tarefa incluía, por exemplo, impedir a transmissão de uma contribuição demasiado positiva sobre os êxitos do governo chinês na luta contra a coroa em Wuhan(13).

A força da Rússia

Mas a Rússia não está a fazer ao Ocidente dos valores o favor de tomar partido de ambos os lados. Se o Ocidente dos valores for forçado a manter-se fora da disputa caucasiana, seria desejável do outro lado se a Rússia se envolvesse mais profundamente no conflito ou talvez até se envolvesse num confronto com a Turquia.

Assim, o FAZ tenta uma e outra vez mostrar ao leitor ocidental os potenciais de conflito na relação entre a Rússia e a Turquia. Particularmente nos relatórios sobre a guerra síria nas zonas curdas ou nos argumentos sobre a região Idlib foram constantemente evocados conflitos, que não se estenderam, no entanto, aos confrontos, o que profetizou o leitor ocidental.

A Rússia permaneceu calma e resolveu os conflitos com a Turquia com base no respeito pelos interesses mútuos. O mesmo se aplica aos diferentes interesses na Líbia. Mas esta é uma política que é estranha ao valor do Ocidente.

Os actuais conflitos no Cáucaso reflectem também os esforços dos meios de comunicação ocidentais para provocar um confronto entre a Rússia e a Turquia. Mas apesar do potencial de conflito na Síria e na Líbia entre os dois países, até agora não chegou ao ponto de "os homens poderosos de Moscovo e Ancara terem

caído por causa disto" (14).

A Rússia não se deixa provocar em acções precipitadas e permanece calma. Vê-se a si próprio como um mediador entre as partes em conflito. Embora seja o poder protector da Arménia em virtude de acordos contratuais, não se sente chamada a cumprir a sua obrigação de proteger, uma vez que "os combates não se realizam em território arménio"(15). Além disso, Moscovo enfatiza repetidamente que também mantém boas relações com o Azerbaijão. No interesse da paz e da reconciliação dos povos, é de esperar que assim se mantenha.

Fontes:

- (1) Frankfurter Allgemeine Zeitung vom 22.10.2020: Existenzielle Bedrohung
- (2) FAZ vom 31.10.2020: Nagornyj Karabach vor dem Fall
- (3) FAZ vom 22.10.2020: Existenzielle Bedrohung
- (4) FAZ vom 22.10.2020: Existenzielle Bedrohung
- (5) FAZ vom 29.10.2020: Ein Reservoir an Kämpfern
- (6) FAZ vom 31.10.2020: Nagornyj Karabach vor dem Fall
- (7) FAZ vom 27.10.2020: Waffenruhe in Karabach gebrochen
- (8) FAZ vom 27.10.2020: Waffenruhe in Karabach gebrochen
- (9) FAZ vom 17.10.2020: Alle Zeichen stehen auf Eskalation
- (10) siehe dazu [Rüdiger Rauls Zunehmende Entfremdung](#) und [Geht-die-nato-am-mittelmeer-baden?](#)
- (11) FAZ vom 22.10.2020: Existenzielle Bedrohung
- (12) FAZ vom 17.10.2020: Alle Zeichen stehen auf Eskalation
- (13) Siehe dazu [Rüdiger Rauls: Chinesische Zustände](#)
- (14) FAZ vom 29.10.2020: Ein Reservoir an Kämpfern
- (15) FAZ vom 17.10.2020 Alle Zeichen stehen auf Eskalation

Rüdiger Rauls Buchveröffentlichungen:

- Krieg um Syrien [Buchbeschreibung](#)

- Wie funktioniert Geld? [Buchbeschreibung](#)
- Kolonie Konzern Krieg – Stationen kapitalistischer Entwicklung [Buchbeschreibung](#)
- Zukunft Sozialismus oder die Grenzen des Kapitalismus [Buchbeschreibung](#)
- Die Entwicklung der frühen Gesellschaften-Die Geschichte Afghanistans [Buchbeschreibung](#)
- Was braucht mein Kind? [Buchbeschreibung](#)
- Späte Wahrheit (Prosa) [Buchbeschreibung](#)

Herausgeber von:

- Imre Szabo: Die Hintermänner (ein politischer Krimi) [Buchbeschreibung](#)
- Imre Szabo: Die Unsichtbaren (ein politischer Krimi) [Buchbeschreibung](#)

+++

Obrigado ao autor pelo direito de publicar o artigo.

+++

Fonte da imagem: Bumble Dee / portadas

+++

KenFM esforço-se por um amplo espectro de opiniões. Os artigos de opinião e as contribuições dos convidados não têm de reflectir a opinião do pessoal editorial.

+++

Gosta do nosso programa? Informação sobre outras possibilidades de apoio aqui:

<https://kenfm.de/support/kenfm-unterstuetzen/>

+++

Agora também nos pode apoiar com as Bitcoins.



BitCoin endereço: 18FpEnH1Dh83GXXGpRNqSoW5TL1z1PZgZK